

ARCOS DE VALDEVEZ

(Miranda)

Miranda é uma freguesia do concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, e está situada próximo da margem direita do rio Lima. O mosteiro de Miranda dista cerca de 11,5 km da sede de concelho. Sair de Arcos de Valdevez pela rua Padre Manuel Himalaia, virar depois à esquerda e mais à frente virar ligeiramente à esquerda para a estrada M1306. Cerca de 4 km depois virar à direita para a estrada M523-4 e andar cerca de 3 km, depois virar à esquerda para a estrada M523 e 2 km depois virar à direita. Andar cerca de 1,5 km e o mosteiro encontra-se do lado esquerdo da estrada.

O enquadramento do mosteiro é rural, rodeado de floresta e campos de cultivo. No alto do monte, a que chamam Castelo de Miranda, existem vestígios de antigas fortificações. Adossada à igreja do mosteiro persiste uma torre com 35 m de altura. Segundo o registo da base de dados *Hispania Epigraphica*, uma pedra de granito que serviu de altar votivo a divindades indígenas foi reaproveitada e reutilizada na construção da igreja do mosteiro de Miranda.

Mosteiro de Santa Maria

SEGUNDO AS MEMÓRIAS PAROQUIAIS de 1758, o mosteiro de Santa Maria foi fundado por São Frutuoso, arcebispo de Braga, em 659, contudo em local mais baixo do que aquele onde se encontra, no lugar chamado Mosteiro Velho.

Avelino de Jesus da Costa data a fundação do mosteiro de Santa Maria de Miranda de meados do século XII, estando constituído como comunidade beneditina quando recebeu carta de couto de D. Sancho I em 1207. Trata-se da primeira referência documentada que se conhece para este cenóbio. D. Afonso II, em 1221, e D. Afonso III, em 1271, agraciaram o mosteiro com avultadas doações nos seus respetivos testamentos.

Segundo as Inquirições Gerais do Reino ordenadas por D. Afonso III, em 1258, o mosteiro de Miranda era do padroado real com todas as suas pertenças. Em 1260, D. Afonso III apresenta Fr. Pedro Paio como abade de Miranda *presentavit fratrem Petrum Pelagii ad monasterium Sanctae Mariae de Miranda diocesis Tudensis*, o que evidencia que o rei era o patrono da igreja.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do Reino, elaborado por ordem de D. Dinis em 1320, o mosteiro de Miranda pertencia à Terra de Valdevez, do bispado de Tui, e foi taxado em 200 libras, o mesmo valor que o vizinho mosteiro cisterciense de Santa Maria do Ermelo. Neste contexto das igrejas da Terra de Valdevez, duas igrejas foram taxadas com valores superiores aos dois referidos mosteiros, nomeadamente a igreja de São

Salvador de Sabadim, em 300 libras, e a de São Cosme de Ázere, em 500 libras.

Apesar dos inúmeros privilégios de que gozava o abade e da ampla jurisdição que detinha dentro do couto, a comunidade foi sempre muito pouco numerosa, constando normalmente de três monges e seu abade. Em 1417, não havia aí qualquer monge.

Em meados do século XVI, mantinha-se a mesma situação, constatada por João de Barros. Apesar de não ter qualquer monge, o rendimento do mosteiro estava avaliado em 100 000 réis. O referido autor acrescenta que o mosteiro era de apresentação régia e que era "bem antigo". Em 1563, Pedro Álvares Seco redige o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*. Santa Maria de Miranda é aí referida como uma das comendas novas das 50 do padroado régio. No entanto, à época da redação do dito livro, não lhe estava atribuído nenhum comendador nem tinha qualquer valor de avaliação.

O mosteiro de Santa Maria de Miranda foi administrado por comendadores entre 1495 e 1588, tendo-se acentuado a sua decadência. Por renúncia do último abade comendatário, Pedro Dias Carneiro, o mosteiro foi entregue à Congregação de São Bento, mas o primeiro abade trienal só foi eleito em 1599.

Em 1758, aquando da redação das Memórias Paroquiais, é declarado que o orago da igreja é Nossa Senhora da Conceição e que o templo tinha quatro altares e seis confrarias. Na freguesia havia ainda três capelas ou



Alçado oeste



Vista desde o nordeste

ermidas, uma de Santo António outra de Santiago e outra de Nossa Senhora dos Remédios. Também é afirmado que o couto foi concedido ao mosteiro por D. Sancho I. O relator das Memórias refere-se ao castelo de modo bastante singular "tem huns penedos altos huns em cima dos outros chamados Castelo de Miranda e ha tradição que para elles se refugiaram os mouros no tempo da sua expugnaçam".

Em 1834, no âmbito da Reforma Geral Eclesiástica empreendida pelo ministro Joaquim António de Aguiar, foram extintas as Ordens Religiosas em Portugal e os seus bens incorporados nos Próprios da Fazenda Nacional.

A igreja do mosteiro de Santa Maria de Miranda terá sido inicialmente edificada nos finais do século XII, inícios do século XIII. Trata-se de uma igreja de fábrica românica



Exterior. Capela-mor.
Lado norte

Cachorros do lado norte da capela-mor



Exterior. Parede norte da capela-mor. Silbar com datação de 1662



que sofreu profundas remodelações na época moderna e contemporânea, nomeadamente em seiscentos e nos anos 30 do século passado, conforme atesta a datação inscrita no exterior da parede norte da capela-mor (1662), na fachada do edifício anexo à igreja (1693) e no interior da nave, no coro sobre o portal (1939).

O espaço religioso desenvolve-se em planta longitudinal composta por nave única e capela-mor retangular, tendo adossada a norte uma capela-lateral e no ângulo noroeste a torre sineira. As coberturas são de duas águas diferenciadas entre volumes, em telha.

O material empregue na construção é o granito aparente, deixando ver o aparelho pseudo-isódomo, com exceção da torre sineira e da fachada oeste, ambos apresentando paredes rebocadas.

Ao longo da fachada norte do edifício, em particular na parede da capela-mor, é evidente a diferenciação das duas primeiras fiadas de pedras, mais salientes e regulares, quer na forma, quer no volume, face ao restante pano murário que as encima. Poderá este aspeto indicar uma cronologia diferente, possivelmente mais antiga, já que estas serão as pedras basilares da construção do espaço.

Fruto dos longos séculos de história e vivência do espaço, é efetivamente através dos seus cachorros que esta igreja revela a sua origem românica, em particular nos do lado norte, que estão visíveis e acessíveis, em detrimento dos do lado sul, embutidos no espaço que foi ocupado pelas dependências monásticas. Embora visivelmente desgastados pelo tempo, são apontamentos como estes que marcam o edifício e o localizam na cronologia da época românica.

A cornija da parede norte da capela-mor é suportada por onze cachorros, que apresentam por sua vez, uma decoração à base de motivos geométricos. Destacam-se as formas circulares e cilíndricas utilizadas amiúde nos templos românicos de enquadramento rural, criando soluções muito próximas do que vemos, por exemplo, na igreja de Monte Redondo, pertencente ao mesmo concelho. Nos dois templos encontramos cachorros esculpidos com motivos geométricos e com motivos perlados.

Localizando-nos nesta mesma parede norte da capela-mor, entre o oitavo e o nono cachorro, lendo-os de este para oeste, surge um pequeno apontamento de interesse.

Fica claro que a memória da fábrica românica neste espaço, embora possa parecer ténue à primeira vista, está lá, e mantém no seu pano murário e nas suas peças esculpidas apontamentos do engenho deste período, demonstrando ainda um diálogo de formas com outros templos geograficamente próximos e contemporâneos entre si.

A igreja do mosteiro de Santa Maria de Miranda, é atualmente igreja paroquial, está em bom estado de conservação e é propriedade da Igreja Católica.

Texto: JL/SVS - Fotos: SVS

Bibliografia

ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 115; BARROS, J., 2019, p. 323; BOISELLIER, S., 2012, p. 163; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 232; COSTA, A.J., 1984a, pp. 95-97; HISPANIA EPICRAPHICA, n.º 22823; GEPB, 1935-60, XVII, pp. 340-341; LENCART, J., 2018, p. 467; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 59-60; PMH, INQ., p. 390 (de 1258); SIPA; SOUSA, B.V., 2016, p. 79; VMD, I, doc. n.º 27 (de [1207], junho, 20) e doc. n.º 50 (de 1260, dezembro, 09).